
mas do ponto de vista cristão é uma etapa

É uma fase dolorosa mas purificante da intimidade conjugal. É um momento, um período, uma passagem desse grande desdobramento do amor que vai desde a primeira declaração até o encontro eterno.

“A viuvez nos força a reconhecer: ou que o amor é sem futuro e que a vida não tem sentido; ou que ela tem este sentido: uma preparação lenta, progressiva, marcada também pelo sofrimento, rumo às realidades invisíveis. . .”

Por isso a viúva tem na Igreja um papel e uma missão

especial: ela é, diante de todos, **testemunha da Vida Eterna!** Ela traz para a Igreja a realidade operante do mistério de Cristo: como a viúva, a Igreja deve sempre, em relação ao seu Esposo, Cristo, ter a intimidade no invisível e a espera confiante no encontro eterno.

A Virgem Maria, mais do que ninguém, nos dá esse exemplo. Desde a partida do seu Filho até sua Assunção ela viveu da fé. Foi a primeira a aprender a viver com Ele no invisível.

Procuramos vivenciar estas pequenas considerações em nossa Equipe de Nossa Senhora “dos Pobres”, um grupo de dez viúvas, mães de família que buscam servir à Igreja através do seu testemunho e do seu engajamento.

Endereço da Autora:

Avenida Hercílio Luz, 163, ap. 1102

88010 — Centro — Florianópolis — SC

O PADRE E A MULHER

Pe. Evaristo Debiasi
Professor de Escatologia e
de Psicologia Religiosa

Começo pedindo perdão por ser, o que escrevo, mais um pensamento pessoal do que um artigo científico-teológico sobre o assunto. Faço-o conscientemente, reconhecendo as limitações do meu tempo mas tentando contribuir para aprofundar o relacionamento: **homem-padre e mulher.**

“Mulher e Homem, imagem de Deus”, é a vocação dada por Deus a toda a humanidade, a todos os seres humanos, como forma de existir e de ser do homem e da mulher, juntos e não separadamente. Vocação que, sem dúvida, não se restringe somente ao tempo nem apenas para a perpetuação da espécie humana, mas, por fazer parte da vontade de Deus, será uma forma de existir e de se perpetuar por toda a eternidade. O céu, a eternidade, definirão o modo perfeito do ser feminino e do masculino em seu relacionamento. Seremos transfigurados à semelhança de Cristo e à imagem do Pai, da Trindade. A eternidade definirá a plenitude do masculino e do feminino como maturidade do homem e da mulher redimidos e ressuscitados por Cristo. A certeza de sermos para sempre transfigurados, em nossa individualidade particular de homens e de mulheres, nós a temos na ressurreição de Cristo. Pois ele ressuscitou e ascendeu ao eterno com a sua individualidade total: corpo-espírito, humanidade e divindade. A mesma certeza do nosso futuro a temos igualmente no protótipo da Igreja, Maria, assunta em corpo e alma ao céu, com sua individualidade feminina total. Estes são dois dogmas essenciais de nossa esperança e fé cristãs. Em Jesus e Maria temos a certeza de nosso futuro, de como seremos para sempre na casa do Pai, na eternidade. Cristo se constituiu nosso “único fundamento” (1Cor 3,11-12) e a razão última da nossa fé: “Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação. . .” (1Cor 15,14)

Portanto, o masculino e o feminino em forma de ressuscitados e transfigurados não terminam com a morte, mas chegarão à sua maturidade perfeita na casa do Pai. Na verdade, neste sentido, a expressão evangélica de que, após a morte, “seremos semelhantes aos anjos” (cf. Mc 12,25 e paralelos: Mt 22,30 e Lc 20,36) é a forma totalmente

nova e qualitativa de como, ressuscitados, viveremos na eternidade, sem que isto signifique a negação do feminino e do masculino. Seremos transfigurados à semelhança de Cristo, mas nunca perdendo nossa individualidade de homens ou de mulheres.

devemos precaver-nos contra um modo de pensar maniqueísta

Aliás, devemos precaver-nos contra um modo de pensar maniqueísta que tirou muito da grandeza do nosso ser humano corpóreo-sexual-espiritual que Cristo tanto santificou e transformou com o seu nascimento, vida, morte e ressurreição. E cada vez mais sabemos que sexo, não é algo que temos, mas que somos no todo do nosso ser. Somos homens ou mulheres na essência do nosso ser, desde as células, os neurônios, até o nosso espírito. Na eternidade terminará o existir da genitalidade como agora, mas jamais terminará o sexo e a sexualidade que definem o “eu interno” do homem e da mulher, como partes integrais do existir humano criado e querido por Deus. É próprio de Deus não destruir a essência de suas criaturas, mas antes elevá-las à sua imagem perfeita pela ressurreição e transfiguração em Cristo.

Esta certeza, como já vimos, nos é dada pela ressurreição total de Cristo como pela Assunção de Maria com corpo-alma aos céus bem como por toda a mensagem cristã dos Evangelhos que nos falam da ressurreição total do homem e da mulher, no seu corpo e no seu espírito. Isto pertence à essência do cristianismo. Estas verdades fundamentais de nossa fé iluminam, definem e interpretam nosso futuro e nosso existir como homens e mulheres no tempo

e por toda a eternidade. **"Homem e mulher, imagem de Deus"**, é um chamado de Deus para vivermos durante o tempo todo de nossa vida, como também nosso modo de ser por toda a eternidade, na casa do Pai.

Mesmo para o tempo, este chamado de Deus, **"Mulher e Homem, imagem de Deus"**, de modo algum pode ser interpretado na visão restrita para o matrimônio, por mais que esta seja a vocação praticamente universal de todos no tempo. Seria uma perspectiva muito pobre da visão cristã no ser e existir do homem e da mulher conforme a vontade de Deus e de Cristo. Por mais bela e divina que seja a vida matrimonial como sacramento, ela é temporária, termina com a morte, enquanto a vocação de sermos **"imagem de Deus"** como homens e mulheres fará parte do nosso existir eterno como desígnio do Pai.

Na verdade, esta visão cristã do destino último da vida humana jamais será suficientemente traduzida com palavras. É mais para ser contemplada. Será a grande riqueza do nosso existir eterno na casa do Pai.

De outra parte, basta sermos um pouco contemplativos ou observadores e veremos que o feminino e o masculino não marcam e definem somente o ser e o existir do homem e da mulher, mas são uma realidade em toda a criação viva. A vida acontece e se perpetua através do binômio "macho" e "fêmea" (expressão que se encontra, aliás, no texto original de Gn 1,27). No dizer de Karl Rahner, "toda a criação está como que grávida do seu próprio Criador, que é a fonte última do existir e acontecer a vida no tempo". Assim como um filho, ou filha, tem muito dos traços de sua mãe e de seu pai, como mais ainda são uma soma do pai e da mãe e muito mais, em suas individualidades particulares são feitos ao mesmo tempo do masculino e do feminino em seu eu pessoal físico, psíquico e espiritual, assim a criação toda, e de modo especial o homem e a mulher, refletem a fisionomia, o rosto, a essência de quem os criou, Deus. Em nosso ser e existir como homens ou mulheres somos o reflexo e a imagem do próprio Deus, que "é Pai, mas é também Mãe" (João Paulo I).

A vida acontece e se perpetua através do binômio "macho" e "fêmea"

Esta verdade traz luzes novas e transformadoras sobre a dignidade e grandeza da vocação **"mulher e homem, imagem de Deus"**, como igualmente ilumina e interpreta de modo totalmente novo e transformador o relacionamento homem e mulher no tempo e a inseparabilidade do masculino e do feminino no projeto amoroso de Deus para toda a humanidade.

Graças a Deus, estamos num tempo em que cada vez mais, com a ajuda da teologia, da revelação e da própria ciência, começamos a superar os resquícios de uma cultura machista onde o homem era visto como mais do que a mulher e onde o homem e a mulher eram vistos demasiadamente separados um do outro e, porque não, para muitos, a mulher como algo de perigo no caminho dos "consagrados e puros de Deus".

Bem, não me cabe aqui novamente mostrar toda a riqueza da pesquisa apresentada através dos subsídios da

Campanha da Fraternidade deste ano sobre a grandeza e a dignidade da vocação do homem e da mulher no projeto do Pai. Todos somos chamados a estudar e meditar a riqueza de tudo o que lá se diz e se ensina particularmente sobre a dignidade e grandeza do ser mulher na vontade do Pai, bem como tudo o que por nossos egoísmos foi um manipular desta vocação no tempo, na própria Igreja e na vida de cada um de nós.

Mas não deixa de ser uma riqueza nunca esgotada sempre mais meditarmos e contemplarmos a totalidade **"mulher e homem, imagem de Deus"** dentro do projeto divino assim como no-lo apresenta a Revelação bíblica através da Promessa e da Aliança de Deus.

Já nas primeiras páginas, a Bíblia nos apresenta o hino sacerdotal da criação do mundo, que de maneira tão rica expressa a riqueza única do relacionamento homem e mulher, dotando os dois da mesma dignidade e igualdade, chamados ambos a uma vocação de complementação mútua e de missão divina no desígnio criador de Deus.

a mulher aparece como fonte de vida para Adão e não como Caminho para a queda.

Encanta-nos ver a ordem da criação do Gênesis, apresentada de maneira tão positiva: Deus criou tudo "bom". Nada portanto de negativo ou de menos positivo na ordem da criação. A descrição da criação é feita de modo progressivo, da ordem inanimada para a animada. Contemplando, enfim, toda a criação, Deus viu que tudo "era muito bom" (Gn 1,31). Mas isto, só depois de ter criado o homem e a mulher "à sua imagem e semelhança", idênticos na dignidade e na igualdade, embora distintos. Na descrição Javista (Gn 2-3). Adão, mesmo tendo muito de tudo, sentia-se incompleto. Não conseguia existir sozinho. Não se bastava em si próprio e nem nas coisas que possuía. Adão foi feito para a comunhão e a busca. E a Bíblia diz que Deus viu a sua necessidade. Tirou de Adão uma costela, da qual fez surgir Eva: do lado do homem, de junto do seu coração... Portanto, a mulher aparece como fonte de vida para Adão e não como caminho para a queda. Infelizmente, sempre se mostrou Eva como queda e não como ajuda, salvação, para a vida do homem.

A exclamação de Adão ao contemplar Eva não é apenas admiração na dimensão da complementação físico-genital, mas acima de tudo como complementação afetiva, psíquica, espiritual: "Eis o osso de meus ossos e a carne de minha carne" (Gn 2,23). Osso é o sustentáculo de sua vida e carne é a realidade que o completa e o define em sua vida de homem. O texto tem a dimensão existencial profunda do ser, do existir, da complementariedade em todos os níveis: físico, afetivo, emocional, psíquico e espiritual no relacionamento **homem e mulher, imagem de Deus**. A ordem da comunhão é a maior sede do coração humano, realidade dada em plenitude somente na eternidade. É a sede do eterno como presença viva de Deus no relacionamento entre o homem e a mulher.

Prosseguindo, a Bíblia escreve que "então Adão conheceu Eva" (Gn 4,1). Em absoluto podemos interpretar esse texto só na ordem do genital, embora também, mas

acima de tudo é um conhecimento na ordem do ser, do existir, do completar-se, do estar com o ser do outro e estar no ser do outro. Reduzir, portanto, o encontro sexual de Adão e Eva somente à dimensão generativa da vida biológica sem a dimensão afetiva, psíquica, espiritual, é aniquilar a sede mais profunda do encontro entre um homem e uma mulher. Na verdade, esta é a grande causa do empobrecimento dos casamentos atuais. Acentuar o genital e não cultivar o afetivo, o psíquico, o espiritual. Existe o ditado: "Quando os espíritos não se casam, os corpos ficam viúvos". É a mais genuína realidade que se plenifica no convite de Cristo, que nos pede a entrega do coração e não somente de parte ou de coisas. Se não se entrega o coração, isto é, tudo de nosso ser, é quase nada dar tudo (cf. 1Cor 13, 1-11)!

O relacionamento entre homem e mulher também no casamento não é para dar-se em parte, mas tudo (Ef 5, 21-33). Nem é apenas para ter momentos, mas para viver a comunhão de vida total da qual nascerá a riqueza dos momentos. Então sim, entendemos a descrição do paraíso que diz: "Adão e Eva andavam nus e não se envergonhavam" (Gn 2,25). Nu, nesse texto, não tem tanto o sentido de não usar roupas, mas tem o significado de não ter nada a esconder ao outro, realizar a comunhão do encontro em todos os níveis do coração humano. Na verdade, somente se é feliz quando se entrega o coração. Vale isto para um casamento como para o relacionamento com Deus. Não deve haver parte.

criação do homem e da mulher como a última expressão do amor de Deus no tempo

A riqueza desta descrição Javista da criação, e mais concretamente da criação do homem e da mulher como a última expressão do amor de Deus no tempo, é algo de tão grande, que mais a percebemos com o coração, com a contemplação, do que podemos descrevê-la com palavras.

Partindo da visão das primeiras páginas da Bíblia, como sempre mais na medida em que mergulharmos nossa contemplação no desenvolvimento da revelação da Promessa e da Aliança, sempre mais teremos uma visão totalmente nova do valor e da dignidade do relacionamento mulher-e-homem no projeto de Deus. Aliás, a Bíblia é um tecido de momentos amorosos de Deus com o homem e deste com Deus como se fosse um relacionamento afetivo (e o é), de fidelidade sponsal entre Deus e seu povo e do povo com seu Deus (cf. Oséias 1-3). É a presença inseparável do masculino e do feminino na Aliança da Promessa de Deus.

Por outro lado, se mergulharmos no perfil mais íntimo da Bíblia e contemplarmos como nos foi apresentada a Revelação de Deus através dos tempos, percebemos a presença da mulher e do homem inseparáveis nas grandes figuras bíblicas que fizeram e fazem acontecer o desígnio de Deus. Adão e Eva foram e são as figuras antigas do novo Adão, Cristo, e da nova Eva, Maria. A Bíblia nos apresenta os grandes protagonistas da história da salvação

(Adão, Moisés, os profetas) inseparáveis de figuras femininas que fizeram igualmente acontecer a libertação de Israel no desígnio de Deus: Sara, Agar, Rebeca, Lia, Raquel, Tamar, Sefora, Ruth, Judite, Ester... e acima de tudo Maria, mãe de Jesus. Isto, sem falar das mulheres no Evangelho e na vida da primeira Igreja...

nas primeiras comunidades apostólicas, a mulher ocupava um lugar forte

Surpreende-nos o paralelismo do feminino e do masculino no desígnio salvífico de Deus através tanto do Antigo como do Novo Testamento, p. ex.: Adão e Eva, figuras do novo Adão e da nova Eva; o aparecimento de Moisés, o grande libertador de Israel, diretamente ligado às figuras femininas de sua mãe e da filha do Faraó, bem como de sua esposa Sefora e de sua irmã Miriam; Isaías, que fala do Emanuel, Deus-conosco, nascido da Virgem; e Paulo, na carta aos gálatas, adorando o desígnio de Deus que "na plenitude dos tempos enviou-nos seu Filho, nascido de mulher..." (Gl 4,4) Assim, com o aparecimento de Cristo, a presença do feminino e do masculino demonstram-se inseparáveis no anúncio do Reino. Cristo viveu sua vida concreta marcada com o cultivo de grandes amizades, amigos e amigas, valorizando a mulher como ninguém o fez nem o fará. Como ninguém valorizou toda mulher, principalmente as mais marginalizadas (Madalena, a Samaritana, a pecadora, a adúltera etc.).

Aliás, Cristo sempre se fez acompanhar por mulheres em sua atividade pastoral (cf. Lc 8, 1-3). Cultivou grandes amizades femininas (Maria e Marta, irmãs de Lázaro, cf. Jo 11,5), amou-as e deixou-se amar por elas. A mulher foi presença constante em sua vida, principalmente nas horas difíceis do Calvário: Verônica, as mulheres que o lamentaram, as mulheres ao pé da Cruz, entre as quais Maria, sua mãe. . . Onde estão os homens, o "sexo forte", nesta hora? Restou apenas João o Discípulo Amado (cf. Jo 19,25). E os outros, onde estão? Na verdade, aqui aparece muito bem o modo particular de ser da mulher, do feminino. A campanha nas horas de dor, é uma característica mais sensível na mulher. É próprio da mulher a ternura, o sentir, o estar com, o afetivo.

Cristo, ao ressuscitar, aparece significativamente em primeiro lugar a uma mulher, Maria Madalena. É o valor que Cristo dá à sua amiga, à mulher, na nova Aliança (cf. o simbolismo do Cântico dos Cânticos, a Amada que procura o Amado, nesta cena junto ao túmulo, em Jo 20, 1-2. 11-18). No Pentecostes, Maria, sua mãe, e outras mulheres, estava entre os que receberam a efusão do Espírito Santo (cf. At 1,14). Isto é fortemente significativo para a Igreja que estava nascendo.

Sabemos que, nas primeiras comunidades apostólicas, a mulher ocupava um lugar forte na vida da Igreja, nos vários ministérios. Exercia ministérios de diaconia que infelizmente no tempo se perderam; e agora ainda se recebe reconhecer o que lhe pertence como confirmação do Espírito na Igreja nascente.

Através de todo o novo Israel, a Igreja, Maria continua a ser a grande embaixadora de Deus, a intercessora e mes-

mo a medianeira entre Ele e os homens (Guadalupe, Lourdes, Fátima, agora Medjugorje...). Tudo isto fala e fala muito. O masculino é o feminino são inseparáveis no desígnio e na vontade de Deus e de Cristo, como sempre o serão na Igreja e na vida de cada um de nós. É uma realidade forte, definitiva e inseparável da nossa natureza humana e divina. Faz parte da essência do ser homem e mulher por vontade de Deus, portanto, do viver e do cultivar a verdadeira humanidade em cada um de nós e em todos.

“Ao lado de um grande homem há sempre uma grande mulher”

A partir desta dimensão teológica, antropológica, ontológica e psicológica de nossa natureza humano-divina de homens e mulheres no desígnio de Deus e na obra e vida de Cristo, poderemos melhor iluminar e definir o relacionamento “homem-padre e mulher”.

Na verdade, vivemos um novo tempo e maturidade no relacionamento homem e mulher, mesmo para o padre celibatário. O masculino e o feminino fazem parte essencial do ser padre, do existir como padre e do viver o ministério sacerdotal. Separar o homem do padre seria, no dizer da psicologia e da antropologia, uma heresia existencial.

Para uma melhor compreensão deste relacionamento “homem-padre e mulher”, hoje, graças a Deus, como vimos, contamos com toda a contribuição da psicologia, da antropologia, da teologia, e mesmo da biologia e das ciências modernas. A distinção entre sexualidade, sexo, e genitalidade traz sua ajuda neste relacionamento maduro e integrativo do homem-padre com a mulher. Isto é: sexualidade é a dimensão complementativa do masculino e do feminino. Sexo, é algo que somos no todo do nosso ser, desde o nosso eu mais pessoal, das células, dos neurônios, até nosso espírito. E genitalidade, sendo a parte geradora e procriativa da vida. Esta compreensão do existir e do ser do homem e da mulher, traz novas luzes sobre o relacionamento sadio entre os dois sexos, tanto a nível de casamento como para a vida do padre celibatário. Neste sentido, jamais o celibato pode ser entendido como um deixar a mulher, mas deve ser visto como um assumir a mulher como complementação humana, afetiva, psíquica e espiritual do ser sacerdotal de todo padre. Pode-se por amor ao Reino renunciar livremente à convivência da genitalidade de uma mulher, mas jamais à sua sexualidade e ao seu sexo. Seria negar a vocação complementativa do amor humano através do feminino e do masculino.

Recordando a história, também a da Igreja, justifica-se plenamente o ditado que diz: “Ao lado de um grande homem há sempre uma grande mulher”. Podemos afirmar que vale também o inverso. Ao lado de uma grande mulher há a presença também de um grande homem. Isto o constatamos em todos os campos da vida humana.

A história dos santos no-lo comprova também: Santo Agostinho e Mônica, sua mãe; São Bento e Escolástica, sua irmã; Sta. Teresa de Ávila e João da Cruz; São Francisco e Santa Clara; S. Vicente de Paulo e Luíza de Marillac; São Francisco de Sales e Joana de Chantal etc

A amizade e o testemunho destes santos tão conhecidos, e acima de tudo o relacionamento de Cristo com suas amigas Marta e Maria e com a mulher em geral, nos diz que o relacionamento homem-mulher se constitui numa graça e dom de Deus. Estes testemunhos nos mostram criaturas humanas, de carne e osso como nós, fazendo de sua amizade um caminho de santidade. Infelizmente muitos dizem que verdadeira amizade, sadia, entre um homem e uma mulher, não existe. Que fazer? Por vezes vemos o mundo com os óculos que temos. Como ver o belo e o puro, o amor gratuito, se não o temos em nosso íntimo e acima de tudo se não estivermos totalmente em Deus?

Mas esta é a realidade. A mulher sempre foi e hoje mais ainda o é, a grande presença e força em nossa pastoral. Por isto mesmo, as mulheres estão muito perto da vida do padre e do seu ministério. Aliás, não o foram também na vida e na pastoral de Cristo? Hoje presenciamos a mulher cada vez mais como presença ativa e comprometida em todos os níveis da sociedade humana.

O estudo da antropologia moderna, a partir especialmente de Bertiaeff, analisando o comportamento das civilizações, nos diz: “Em todas as civilizações a mulher, longe de ser o sexo frágil, sempre foi o sexo forte. As sociedades sempre tiveram a vida e a força da presença do feminino. O feminino sempre protegeu os valores. E quando a mulher no tempo se corrompeu, sempre foi o último atestado da decadência de um povo ou de uma civilização”. Só que Bertiaeff vai adiante em sua reflexão e nos afirma, ao ver a decadência da mulher hoje na sociedade: “Infelizmente hoje há sinais fortes de decadência da mulher, do feminino, dos verdadeiros valores. Antigamente morreu um povo, uma civilização, hoje está em perigo a humanidade toda”.

Entretanto, ao mesmo tempo em que o mundo atual apresenta sinais fortes de enfermidade e de decadência, “como nunca este mesmo mundo está com saudades da vida, dos valores, do íntimo, do humano, do eterno”, na palavra de Victor Frankl, um dos maiores psicanalistas modernos, discípulo pessoal de Freud, de Adler, e companheiro de Jung, ainda vivo.

A mulher cada vez mais aparece como a artífice na restauração da verdadeira humanidade

Se por um lado há sinais de decadência do feminino, há por outro lado muito mais sinais de que estamos sempre mais descobrindo a dignidade, o papel, a missão e a presença da mulher no todo da sociedade, na Igreja e na vida de cada um de nós. A mulher cada vez mais aparece como a artífice na restauração da verdadeira humanidade numa civilização brutalizada pela morte dos verdadeiros valores e pela inversão dos valores, onde se relativizou o absoluto e se absolutizou o relativo.

Entretanto, na expressão dos estudiosos do comportamento humano, vivemos o nascimento da grande era do afetivo para toda a humanidade. O mundo, no dizer dos estudiosos em humanidade, passou por quatro fases

anteriores a esta que está surgindo (e estas fases, que marcam a história dos povos, marcam igualmente a história de cada um de nós).

— Primeira fase: **Era do mítico**, isto é, o homem sente-se envolto em forças que vêm de fora e ao mesmo tempo percebe-se vítima de tudo o que sofre, como se forças externas dirigissem a sorte dos homens no mundo e estes pouco ou quase nada pudessem fazer em contrário. O ser humano aparece* mais como um ser passivo da história e na história do que autor da história e da própria sorte e futuro. . .

— Segunda fase: **Era da razão**, o homem torna-se crítico, toma consciência de sua vida, de sua missão e responsabilidade no mundo e diante de si mesmo, busca dirigir-se e dirigir a vida, as escolhas, busca viver a responsabilidade de ser livre no tempo. Vê onde é responsável e onde não o é. Começa a dirigir sua vida e seu futuro.

— Terceira fase: **Era do técnico**, o homem torna-se senhor das coisas, manipula-as para seu uso e fins, domina a natureza, resolve muito dos segredos insolúveis somente resolvidos antes por Deus. Sente-se senhor de si, do seu destino. Entretanto, sempre mais vai caindo na auto-suficiência de si mesmo, deixando de lado os valores que o ultrapassam. É a era da morte de Deus na vida dos homens. . .

— Quarta fase: **Era da cibernética, da eletrônica**. O homem, além de começar a dominar o mundo que o cerca e onde vive, começa a sair para outros planetas. Aproxima as distâncias, conquista os espaços externos, facilita a vida em muitas direções, cria a gigantesca máquina da eletrônica em todos os níveis. . . Mas ao mesmo tempo, como nunca, este homem sente que manipulou a vida, a si próprio, os valores, o essencial. Aproximou as distâncias e distanciou as proximidades. Vive a era das informações, mas dentro de si e no relacionamento do humano e do espiritual vive a terrível solidão existencial e o gritante contraste do social. Conquistou o espaço externo e perdeu o espaço interno. Tem as notícias do mundo todo em sua casa, mas as notícias da sua casa não chegam a mundo algum. Fez do mundo todo uma aldeia global, mas o mundo de cada um é uma solidão existencial! Os valores, a vida, o espiritual, o social, o humano, foram profundamente esquecidos numa sociedade rica em meios e pobre em vida.

quer ser alguém, num mundo onde tudo é coletivo

— Quinta fase: **Era do afetivo, do humano, do espiritual**. O homem de hoje, a partir de toda a realidade da vida que criou, tem medo de sua própria criação e volta a ter saudade da vida, dos valores, do humano, do íntimo, do encontro, do social, do divino. . . É a fase do afetivo. O homem, do íntimo de sua solidão e da realidade dos contrastes que experimenta em todos os níveis da convivência humana, busca loucamente a vida, procura simplesmente viver! (As drogas: já que ninguém o escuta e o preenche em seu imenso vazio, as drogas o escutam. . .) O homem moderno tem imensa vontade de existir, de ser amado, ouvido, valorizado, acolhido (Vivemos o tempo das grandes aspirações humanas e da luta pelos direitos!) Não aceita mais ser peça, massa: quer ser alguém, num mundo onde tudo é coletivo, tudo é grupo. Infelizmente

mesmo na Igreja, muitos se esquecem deste viver e sentir do homem moderno. Não dão mais espaço ao pessoal, ao humano, como deviam. Só vêem valor no social, no coletivo, no grupo. (Na Igreja muitos não admitem mais e não encontram tempo para a confissão pessoal, único lugar por vezes onde alguém pode ser ele próprio). Tudo é em grupo. Por isso mesmo aumentam os consultórios dos psicanalistas; os jovens buscam os gurus porque têm pouco espaço de manifestação pessoal na Igreja; o povo parte para as crenças orientais, as seitas, não só porque ali se apresentam fugas para uma religião sentimental, mas porque por vezes em nossas Igrejas não há espaço para o pessoal, para o mistério, para a verdadeira oração. . .

Não podemos ser superficiais na análise de tudo o que acontece. Neste sentido a Igreja precisa revisar bastante a sua pastoral. Karl Rahner nos diz: "O mundo está grávido de Deus", isto é, está com saudade de ouvir falar de Deus e não só dos conflitos, do social. Jamais poderemos esquecer o social, mas este, sem o cultivo dos valores do humano, do indivíduo, do afetivo, do espiritual, torna-se simples ideologia e nunca o projeto salvífico do Pai, do eterno masculino e feminino.

Na verdade, há na humanidade toda um grito pela vida, pelos valores, pelo humano, pela comunhão. Basta olhar o mundo e ver o que está acontecendo na Rússia. Os movimentos mais fortes do mundo em que vivemos, têm no fundo a busca dos valores, da dignidade e do respeito pela vida. Esta busca pela justiça, pela paz, pela vida, pelo encontro, pela ternura, pelo afetivo, pelo espiritual, nada mais é que a expressão da presença do "eterno feminino".

É exatamente neste tempo que a mulher começa a assumir sempre mais seu papel e missão em todos os campos da vida humana, do econômico ao humano. Vemos Gorbachev, na Perestroika, revisar e revalorizar o papel e a missão da mulher russa na sociedade soviética, como a artefice da vida na família, essencial no restabelecimento dos valores humanos e na construção da nova sociedade. O mesmo sentimos em outros países. As sociedades atuais precisam da presença da mulher na reconstrução dos seus valores. Estamos na "era do afetivo", onde a mulher com seu ser, sua psicologia, assume importância vital na busca da nova civilização do amor.

Como nunca a mulher foi redescoberta, valorizada e convidada a assumir missão e ministérios na Igreja, que até há pouco eram só dos homens. Vivemos a valorização do feminino. Leonardo Boff, em seu livro "O rosto materno de Deus", mostra a importância do feminino como parte da sanidade e do equilíbrio de toda a vida humana e espiritual da Igreja. Aliás, como já vimos, a Bíblia nos abre um perfil belíssimo e transformador da presença e da missão da mulher no desígnio salvador de Deus e na obra redentora de Cristo. A Igreja apresenta Maria-mulher como o protótipo do ser Igreja, Mãe da humanidade, Mãe do Sumo Sacerdote e, nele, de todos os presbíteros e do Povo de Deus. Como já igualmente vimos, no novo Israel, que é a Igreja, Maria é a grande embaixadora de Deus, a mediadora entre a humanidade e seu Filho. Nos movimentos populares, Maria aparece hoje sempre mais com sua força decisiva de mulher do povo, e profetisa do Magnificat. Como, portanto, não reconhecer aqui a força do feminino, da mulher, no Projeto de Deus e de Cristo e nas aspirações do homem de hoje?

Na verdade, a Campanha da Fraternidade deste ano, ao convidar-nos a refletir sobre a grandeza da vocação, da dignidade e da missão da mulher no mundo, na Igreja e na vida de cada um de nós, captou o sentir mais profundo

das aspirações da humanidade, neste nascimento, ou melhor, florescimento da "era do afetivo".

valorizar a presença da mulher na vida do Padre

Claro, este sentir do mundo todo tem repercussões diretas na vida da Igreja e na forma de valorizar a presença da mulher na vida do Padre. Tenho certeza de que esta visão cada vez mais forte do valor do feminino, da mulher, de sua presença na Igreja e no mundo, terá conseqüências diretas na vida humano-afetiva do Padre e, porque não, no modo de ser e de viver o sacerdócio ministerial na Igreja e no mundo. Isto quebrará com certo machismo do qual também na Igreja se viveu e se vive, na vida de muitos padres e no modo de pensar a Igreja e de fazer teologia. Romperá igualmente com certa dose de maniqueísmo ainda escondido nunca concepção eclesial e mais ainda nunca concepção presbiteral onde a mulher é vista como perigo ou mesmo como obstáculo no caminho da santidade dos "puros e consagrados de Deus".

Este novo ver, refletir e descobrir a dignidade da mulher, sem dúvida abrirá novos caminhos na vida da Igreja e mesmo na forma ou no modo de sermos Igreja e de vivermos como padres na Igreja. A vida celibatária sempre será um grande carisma e bem para a Igreja, bem tanto mais rico quanto mais for visto como valor e opção no Reino de Deus. Mas também poderá nascer na Igreja ocidental um novo modo de ser padre, celibatário ou não. Nada há de dogmático e imutável nisto. No passado bem próximo era inconcebível ver alguém deixar de ser padre e poder livremente pela própria Igreja ser abençoado pelo sacramento do matrimônio cristão. Hoje é natural, na vida de um ex-padre, casar-se com a bênção da Igreja. Como poderá ser muito natural que no amanhã este mesmo ex-padre possa vir a exercer novamente seu ministério presbiteral. E porque não o aparecimento da ordenação de homens casados? O Diaconato permanente havia desaparecido e hoje está restaurado. Nas primeiras comunidades apostólicas e nos primeiros tempos da Igreja o casamento dos presbíteros e até dos bispos era assumido como algo normal e santo no serviço do povo de Deus. Bem, agora cabe ao Espírito Santo, à reflexão pastoral da Igreja, à urgência do Reino, ver se um novo modo de ser Padre na Igreja ocidental é um bem para a própria Igreja, para o povo de Deus.

novas dimensões ao relacionamento do homem-padre com a mulher

Na verdade, toda reflexão sobre o feminino e o masculino, sobre o relacionamento "mulher e homem, imagem de Deus", traz novas dimensões sobre o ser e o viver da Igreja, na Igreja e como Igreja, como traz novas dimen-

sões ao relacionamento do homem-padre com a mulher.

A partir de tudo o que vimos, podemos livremente admitir que há um novo sentir e viver na Igreja quanto ao relacionamento homem e mulher e, por isto mesmo, quanto ao relacionamento do homem-padre com a mulher. Estão mais juntos na evangelização, na busca do ser e do viver a Igreja, na compreensão do existir juntos por vontade de Deus. Isto exigirá, sem dúvida, um cultivo sempre maior não só na dimensão teológico-doutrinal, mas principalmente na dimensão do afetivo, do humano, do psíquico e do espiritual.

O relacionamento do masculino e do feminino é cada vez mais uma exigência do nosso eu, do nosso ser humano de homens e de mulheres na busca do pensar e do viver a pastoral no anúncio do Reino. Particularmente nós, Padres, sempre mais devemos superar os resquícios do machismo na Igreja, pois fomos sempre acostumados a mandar, como igualmente devemos superar o maniqueísmo que deixou conseqüências de menosprezo do sexo oposto como um bloqueio no efetivo e no relacionamento homem-mulher. Devemos reconhecer que sempre a mulher foi parte forte na pastoral e hoje cada vez mais assume missão, vez e voz na forma de ser, pensar e viver na Igreja. Devemos ter a coragem de promover a mulher em muitos campos que foram domínio da vida do Padre e mesmo ministério só do Padre.

Isto exige humildade e coração aberto. O Padre precisa aprender a viver com a mulher mais do que ontem, dentro da Igreja e na Igreja. A vida celibatária é um grande valor, mas não deixou também de produzir arestas fortes na forma como foi cultivada no amadurecimento do humano e do afetivo do Padre. Devemos, na verdade, exorcizar o medo de que a mulher seja um perigo ou um valor menor, para sempre mais descobrirmos a sua riqueza na vida da Igreja e em nossa vida pessoal de Padres, de homens, como graça e dom de Deus, como complemento indispensável do nosso eu pessoal e da nossa sanidade emocional, afetiva, humana, psíquica e espiritual.

autênticos amigos e amigas em nossa vida de padres e homens celibatários

O relacionamento homem-padre e mulher é uma realidade rica em nossa vida como vontade de Deus, como caminho de realização humano-cristã, como fonte de santificação. Amar a mulher e deixar-se amar por ela, é tornar-se homem integrado no ser humano-cristão-sacerdotal. Sim, pode haver a mulher-perigo e as há de fato (o mesmo vale para o homem). Somos humanos, feitos de carne e osso. Mas quem diz que o problema não está também em nós homens e homens-padres? O que fez Cristo para mudar a Madalena, a Samaritana, as prostitutas e tantas outras mulheres? Eram também perigo. . . Sem dúvida, de longe, estas mulheres viram Cristo como um homem todo especial e incomum, mas quando se encontraram com o "eu" divino do Senhor se transformaram.

Claro, não somos Cristo, mas podemos amar as mulheres e ajudá-las, como também ser amados e ajudados por elas. Poderemos e deveremos ter mulheres amigas. Serão um grande bem e dom de Deus em nosso ser de homens

e de homens-padres. Foram uma riqueza na vida de tantos santos e santas e também na vida de Cristo. Cristo é para ser seguido e é testemunha no todo de sua vida, também em sua vida humano-afetiva, com as grandes amizades masculinas e femininas. Aliás, a graça de contarmos com autênticos amigos e amigas em nossa vida de padres e homens celibatários, será uma riqueza imensa para nosso ser de homens e de pastores. Lembremo-nos das sábias palavras de Jesus: "É do coração que sai toda maldade..." (cf. Mc 7,21) e do Apóstolo: "Se fordes puros, tudo será puro..." (cf. Tt 1,15) A partir de Cristo e do testemunho de tantos homens e mulheres de Deus, é possível ter verdadeiras amizades masculinas e femininas e devemos cultivá-las para o bem do nosso ser pessoal e do próprio Povo de Deus a quem queremos servir à semelhança do nosso Mestre.

afetivo na integração do feminino e do masculino na vida de um Padre

Finalmente, que posso dizer ainda, numa confissão mais pessoal? — Muito do que sou, do meu modo de ser, de viver, como homem e como padre, devo-o à presença de mulheres em minha vida. Acima de tudo, de minha mãe, que sempre me ensinou o belo do ser mulher e do amar e respeitar a mulher. Mas igualmente o devo a tantas outras mulheres que Deus em sua bondade colocou em meu caminho de homem-padre. Com humildade e reconhecimento devo afirmar que, em minha vida, há mulheres que dedicaram e dedicam sua existência a rezar por mim, pelo meu sacerdócio, desde os primeiros anos de minha vida no Seminário e ainda rezam. Com carinho cultivo estas amizades. Creio fortemente no poder dos joelhos e sei que muito do que sou é mais fruto de tantos que me cultivam, que me amam e rezam por mim, que me ajudam em tudo o que preciso, do que fruto de minhas qualidades ou méritos. Como igualmente tenho mulheres amigas de quem não tenho nada a esconder. Amo-as e deixo-me amar e cultivar por elas. Só Deus sabe o quanto já me ajudaram a ser Padre, o quanto me cultivaram em meu ser humano e, porque não, me salvaram como Padre!

Tudo é graça e dom de Deus. Deus nos ama e nos salva através de homens e mulheres que aparecem em nosso caminho.

Perdão se não traduzi bem o que deveria, e sempre mais deve ser, o relacionamento "homem-padre e mulher". Na verdade, não me preocupei tanto em fazer um artigo teológico-científico sobre o assunto. Traduzi mais o que penso, assim como as idéias me chegaram à mente e ao coração. Por outro lado, não é nada fácil traduzir com palavras o que é e deve ser o afetivo na integração do feminino e do masculino na vida de um Padre. É mais um dom de Deus e graça, que recebemos por bondade de Deus como forma de Ele nos amar, como é um dom que devemos cultivar e pedir a Deus. Porque não ezarmos todos os dias: "Ó Cristo, dá-nos amigas e amigos como tiveste e a graça de amá-los e cultivá-los como os cultivaste e amaste".

No relacionamento homem-mulher, todos somos chamados a crescer, a não nos sentirmos prontos. Há sempre um critério para vermos como vão nossas amizades, em nossa vida de Padres. Quando estas nos fazem mais de todos e mais de Deus, então são caminho de Deus. Quando nos aprisionam, deverão ser revisadas. Amizade que vem de Deus, jamais é prisão, é sempre mais libertação, dá alegria de ser aquilo que se é e se busca ser, como Padre: um homem para os outros.

Para isto, temos um único caminho e fundamento a seguir. O modelo Jesus Cristo, em sua vida concreta com o Pai e com os homens e as mulheres do seu tempo. Assemelhar-nos a Ele em tudo, é sempre mais chegarmos ao relacionamento adulto, positivo e integrador do masculino e do feminino dentro de nós e fora de nós. Tudo isto será uma conquista diária e permanente através de toda a vida. Conseguiremos este crescimento através de um esforço sempre mais renovado em nosso eu pessoal, junto com a graça de Deus e com a ação do Espírito que não nos faltarão, rompendo e superando o homem velho que vive em cada um de nós e caminhando na direção e semelhança do homem novo que é Cristo (cf Ef 4,13), Homem-Deus totalmente integrado em sua humanidade e divindade, no seu relacionamento com as mulheres, com os homens e com o Pai.

Endereço do Autor:
Caixa Postal 5041 — ITESC
88041 FLORIANÓPOLIS, SC

A TRINDADE A PARTIR DA MULHER A MULHER A PARTIR DA TRINDADE

Vanildo Padoim
estudante do 3º ano

1. Introdução

Analisando teologicamente a imagem de Deus, que veio sendo transmitida através das gerações, podemos detectar uma grande influência masculina, devido ao sistema patriarcal que imperou desde os primeiros povos, até nossos recentes dias.

A linguagem bíblica para falar de Deus é quase sempre masculina, por exemplo: Rei, Juiz, Senhor, Esposo, Pai. É uma sociedade dirigida por homens, onde a mulher

é considerada inferior, tanto pela legislação como também pelas práticas religiosas e os costumes. A maior parte dos textos bíblicos (todos eles?) foram escritos por pessoas do sexo masculino, e por isso os textos deixam transparecer uma visão masculina de Deus.

Deus toma partido pelos pobres, oprimidos e marginalizados. Entre eles se encontram as mulheres. Entretanto, o feminino não encontra identidade no mistério de Deus, enquanto o masculino encontra. Parece que Deus identifi-